

INICIAÇÃO FEMININA:



*ASTROLÓGICA, MÁGICA, ALQUÍMICO-HERMÉTICA
OU CABALÍSTICA?*

por Antonio de Macedo

INICIAÇÃO FEMININA:

ASTROLÓGICA, MÁGICA, ALQUÍMICO-HERMÉTICA OU CABALÍSTICA?

J'ai toujours été étonné qu'on laissât les femmes entrer dans les églises. Quelle conversation peuvent-elles avoir avec Dieu?? L'éternelle Vénus (caprice, hystérie, fantaisie) est une des formes séduisantes du diable.

CHARLES BAUDELAIRE, *Mon coeur mis à nu : journal intime* (1868)

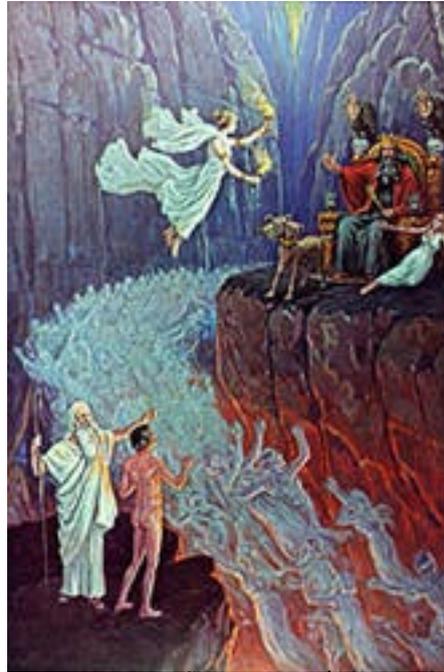
por Antonio de Macedo

Eis uma coisa que tem feito correr muita tinta, coisa estranha essa, a da «iniciação feminina». Pois aqui me preparo para fazer correr mais alguma... Aliás o tema deste colóquio sobre «Discursos e Práticas Alquímicas» — colóquio que desde 1999 se vem realizando e afirmando, e sempre inovador e com intervenções de elevada qualidade —, bem se prestava a tais lucubrações, pois o tema deste ano é precisamente «Alquimias do Feminino»¹. Não podia ser mais provocatório nem mais apelativo! Claro que não foi por acaso que fiz anteceder estas despreziosas cogitações com um sintomático texto de Baudelaire, cuja unica desculpa — se é que pode ser-lhe concedida — foi tê-lo desovado em pleno século XIX, quando a Igreja conseguia pensar mais mal das mulheres do que hoje (e a sociedade laica não lhe ficava muito atrás...); a verdade é que numa forma ou doutra parece que as relações da mulher com o *sagrado* — seja este *devocional*, seja *iniciático* — nunca foram lá muito bem compreendidas pelos que se dedicam a investigar estas profundas coisas.

Deixo para outros mais sociólogos, mais antropólogos, mais etnólogos, mais politólogos, mais poetas e mais competentes do que eu a discussão sexo/género que tal temática se arrisca entusiástica e desvirtuosamente a atizar. Limitar-me-ei a atrever-me com o meu modesto arado a lavrar uns sulcozitos num terreno onde me sinto mais familiarizado: o da Esoterologia. Assim sendo, vamos por partes. Antes de mais, tratemos de bisbilhotar um pouco de história das Ordens iniciáticas, continuando a esgravatar com determinação e paciência até chegarmos, eventualmente — oxalá tenhamos sorte, sabença e inspiração das musas! —, a algum apuramento final.

¹ Referência ao colóquio onde esta comunicação foi apresentada: *VII Colóquio Internacional— Discursos e Práticas Alquímicas*: «Alquimias do Feminino», 22 a 24 de Junho 2007, Lamego, Portugal.

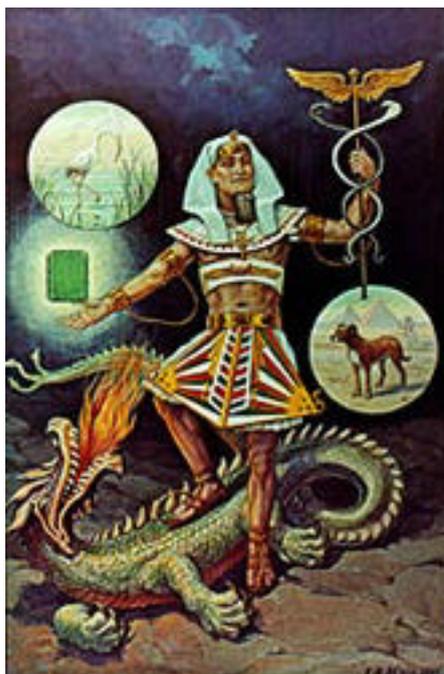
1. Os Mistérios antigos



CERIMONIA DE INICIAÇÃO NOS MISTÉRIOS ELEUSIANOS
Representação alegórica de J.A.Knapp

Começemos por uma trivialidade que toda a gente conhece mas vale sempre a pena relembrar: a palavra **mistério** tem origem na raiz *mu-*, ou *my-*, donde derivam dois verbos gregos: *myeô*, que significa «iniciar nos Mistérios», «sagrar», «instruir», e *myô*, que significa «fechar a boca ou os olhos», «guardar silêncio». Uma curiosidade menos conhecida é que da mesma raiz derivam o termo latino *mutus*, «mudo», e o termo grego *muthos* ou *mythos*, e isto, em minha humilde opinião, não deixa de ser iluminante: revela-nos que o **silêncio** se associa ao **mito**, tal como silenciosa deverá ser a Iniciação Menor, *myêsis*, que se completa pela Iniciação Maior, *teletê*, sendo que esta última deriva do verbo *teleô*, que significa simultaneamente «concluir» e «iniciar», que é como quem diz, «iniciar nos mais altos Mistérios», ou nos Mistérios de plenitude ou de perfeição (Guénon 1986, 123-125). (Complete-se: — o **mito**, ou o arquetípico mistério do silêncio, perde esse mistério quando se vulgariza ao nível da **fábula**, ou da mera comunicação verbal: fábula [lat. *fabula*] deriva do verbo latino *fari, fatu*, «falar»).

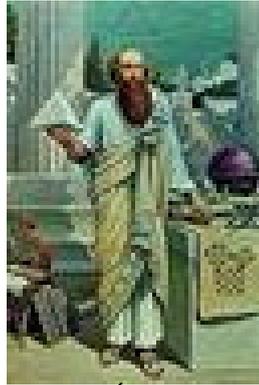




Hermes sobre Typhon, JAKnaap.
Hermes, como a personificação da Sabedoria Universal está aqui representado com o pé sobre o dorso de Typhon, o dragão da ignorância e da perversão. Para os Iniciados Egípcios, vencer o dragão devorador das almas era se libertar da necessidade de renascer.

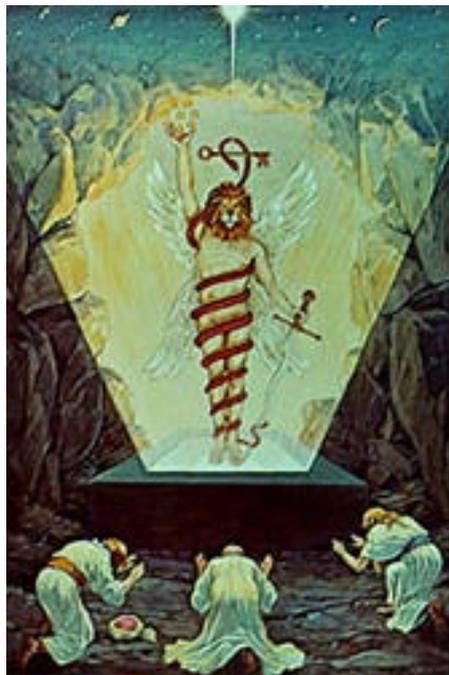
De acordo com este fio condutor, os **mistérios** (gr. *ta mystêria*) são a **teoria de ritos** (gr. *ta drômena*, «actos») que conduzem iniciaticamente do **silêncio** à **perfeição**, e isto tanto no antigo Egito como na Pérsia, na Síria, na Frígia, na Fenícia, na Grécia... em suma, estamos a referir-nos de uma forma geral aos chamados «Mistérios Antigos», que segundo os autores que os mencionam (Heródoto, Porfírio, Jâmblico, Apuleio, Plutarco, Cícero, Arnóbio, Heliodoro, Luciano, Rufino, etc.) comportariam *sete* graus iniciáticos. Já os Mistérios cristãos, mais elevados espiritualmente, têm *nove* graus iniciáticos, ou *nove* Iniciações Menores, embora se mantenha a ideia de *perfeição* associada às Altas Iniciações como podemos observar nas epístolas de Paulo. Quando este apóstolo menciona os *teleioi*, está a fazer uma referência *esotérica* aos Altos Iniciados nos Mistérios cristãos, e não apenas aos «perfeitos» em religião *exotérica* cristã, conforme se poderia supor ao ler as traduções eclesásticas das Bíblias correntes. Veja-se por exemplo o seguinte texto paulino: «Entre os Iniciados [gr. *en tois teleiois*] porém, falamos sabedoria [gr. *sophia*]; não a sabedoria deste éon [gr. *aiôn*] nem a dos chefes deste éon condenados a perecer; mas falamos a sabedoria de Deus [gr. *Theoû sophia*] em **mistério**, a oculta, que Deus destinou antes dos éons para nossa glória [gr. *doxa*, «opinião», «juízo», «glória», «manifestação»], (e) que nenhum dos chefes deste éon conheceu; pois se a tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória» (1 Coríntios 2, 6-8).





PITÁGORAS

Em certas circunstâncias, a antiga Iniciação numa dada Escola de Mistérios podia ser preparatória para outra mais elevada, como terá sido o caso de Pitágoras que antes de se iniciar nos Mistérios Egípcios começou por ser iniciado nos Mistérios Fenícios: «...Velejou para Sídon, sua pátria natural, convencido que daí mais facilmente passaria para o Egipto. Aí conversou com os profetas que eram descendentes de Mochus [Moisés] o fisiólogo, e com outros, e também com os Hierofantes Fenícios. Foi do mesmo modo iniciado em todos os Mistérios de Byblos e de Tyro, e nas sagradas operações que se realizam em muitas partes da Síria» (Jâmblico, *Vita pythagorica*, III). Já agora aproveitemos para esclarecer que o termo *physiologos*, atribuído a Moisés, significa «estudioso da natureza e dos mistérios naturais».



MITHRA NA FORMA DE KRONOS
J.A.Knapp

De uma forma geral, na Antiguidade, as iniciações místicas eram concedidas sectorialmente — ou a certas castas, ou a um ou outro dos dois sexos; por exemplo as mulheres eram excluídas nos Mistérios Essénios ou nos Mistérios de Mithra, tal como eram excluídos os homens na Ordem das Sacerdotisas de Inanna (Suméria), nas *Thesmophorias* de Deméter (Atenas) ou na Ordem das Vestais (Roma). Por muito estranho que pareça e por muito que irrite os actuais defensores da «igualdade dos

sexos» (*vade retro! — vive la petite différence!*), isto tinha razão de ser e estava certo, e já veremos mais abaixo porquê. (Eu compreendo que os tais defensores da «igualdade dos sexos» se exprimem mal e quereriam dizer igualdade de oportunidades e direitos, humanos, sociais, políticos, intelectuais, profissionais, etc. etc. e não igualdade *tout court*, Deus nos livre desta, teríamos de ser todos hermafroditas como os caracóis...)

2. A origem das Ordens



ABRAXAS, UM PANTEÃO GNÓSTICO
Representa os sete poderes criativos ou anjos planetários reconhecidos pelos antigos.
J.A.Knapp

Uma Ordem iniciática não é propriamente um clube, em que a exclusão masculina ou feminina possa ser decretada por sexismo primário ou por velho costume obsoleto, como ocorre por exemplo nos clubes exclusivamente masculinos ou exclusivamente femininos de certas universidades americanas, já para não falar nos clubes ingleses «só para homens» ou nas reuniões de vendas de *tupperware* «só para mulheres»... Numa Ordem iniciática, desde que tenha sido instituída e mantida por «tradição regular», a *transmissão* e *infusão* de certo nível de conhecimentos e do correlativo despertar de faculdades ocultas, ou seja, a **Iniciação**, implica, antes de mais, a quádrupla purificação através dos elementos (provas da terra, água, ar e fogo) a fim de se alcançar a plenitude do conhecimento (Gnose) e correlativa iluminação espiritual; por outro lado, só pode ser realizada de acordo com linhas vibracionais bem definidas, sob pena de essa transmissão ser nula ou ter efeitos nefastos sobre o incauto que a tal prática se exponha sem estar devidamente qualificado.

No caso específico das Iniciações sectorizadas, quer femininas, quer masculinas, nas antigas Ordens (ou em Ordens que tenham trazido até à actualidade alguma forma de regular transmissão iniciática), a Iniciação regular opera-se de acordo com as estruturas esotéricas que qualificam, em maior ou menor grau, uma *operação oculta ou iniciática* em quanto tal, isto é, tomando os seguintes corpos disciplinares (ou pelo menos algum deles) como «grelhas de referência»: **Astrologia**, **Magia**, **Alquimia-Hermetismo** e **Cabala**. Com efeito, todo e qualquer discurso esotérico, bem como toda

e qualquer operação esotérica, assentará as suas premissas, as suas inferências e os seus segredos em um ou vários dos quatro corpos disciplinares acabados de referir (cf. Macedo 2006, 71; 83-91). Além disso, terá de haver uma razão de «compatibilidade» que confira legitimidade mística ou oculta a tais Iniciações sectorizadas, como veremos, justificando do mesmo passo o porquê de a um ser humano de um dado sexo não convirem esotericamente as vibrações ritualísticas apropriadas à Iniciação do sexo oposto.



MAGO EVOCANDO ELEMENTAIS
J.A.Knapp

Certos autores, mais pessimistas, afirmam que a origem das Ordens se perde na noite dos tempos. Em parte é verdade, mas também é verdade que existem textos legítimos e assaz respeitáveis que nos podem proporcionar pistas preciosas. Um deles é nada mais, nada menos, do que a própria Bíblia! Podemos, assim, afirmar com razoável segurança que a primeira vez que surge o conceito de «Ordem» é no livro dos Salmos, ainda que o seja numa perspectiva messiânica (segundo a hermenêutica cristã): «Jahvé jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a **Ordem** de Melquisedec» (Salmo 109 [110], 4).

Esta expressão: «segundo a Ordem de Melquisedec», em hebraico *'al-dib^erathoi Mal^eki-tsedeq*, é vertida em grego, na Septuaginta, como *kata tēn taxis Melchisedek*, em que a palavra «ordem» é dada por *taxis*, *-eôs*, termo que significa precisamente «ordem», «ordenação hierarquizada», «enfileiração», etc. É um termo simultaneamente jurídico, militar, religioso e organizacional: *taxis* deriva do verbo pós-homérico *tassô*, *etagên*, *taktos*, que significa «enfileirar», «atribuir um lugar», «pôr por ordem» — como um exército num campo de batalha. O equivalente latino, *ordo*, *ordinis*, não se afasta muito desta acepção, com significados técnicos congêneres, tanto na linguagem militar, como por exemplo *centurio primi ordines*, como na linguagem religiosa, por exemplo: *ordines sacerdotum et levitarum* (Vulgata).

Qual a importância, para o nosso caso, da primordial «Ordem de Melquisedec»?

3. A Ordem de Melquisedec e as formas iniciáticas originárias

Na epístola aos Hebreus do Novo Testamento estabelece-se uma analogia entre Melquisedec, rei de Salem, e Cristo, sumo sacerdote da Ordem de Melquisedec (Hebreus 5, 6; 5, 10; 6, 20; 7, 11; 7, 17). O nome Melquisedec é formado por duas palavras hebraicas, *mal^eki tsedeq*, que significam «rei de justiça», ou «o meu rei é justiça». Por sua vez Salem significa «paz»; portanto, a Ordem de Melquisedec é a **Ordem da Justiça e da Paz**, e como Melquisedec era simultaneamente **rei** e **sacerdote**, eis-nos perante uma época recuadíssima em que ainda se não havia criado a fractura entre o *poder real* (associado ao Fogo) e o *poder sacerdotal* (associado à Água). Veremos mais adiante que ambos esses *poderes*, **real** e **sacerdotal**, são *sagrados*, em oposição aos poderes e actos *profanos*. Conforme nos relata o livro do Génesis, Melquisedec é a primeira figura bíblica dos tempos patriarcais a fazer um sacrifício não sangrento, de **pão** e **vinho**, em antecipação tipológica da Eucaristia Crística e ao arripio do antigo costume dos sacrifícios de carne e sangue comuns a diversas formas de religião:

«Melquisedec, rei de Salem e sacerdote do Deus Altíssimo [hebr. *El-Elyôn*], mandou trazer pão e vinho, e abençoou Abrão dizendo: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que criou o céu e a terra! Bendito seja o Deus Altíssimo que entregou os teus inimigos nas tuas mãos! E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo» (Génesis 14, 18-20).

Registe-se, entre parênteses, que nesta época o famoso patriarca ainda se chamava *Abrão*, que quer dizer «pai elevado». Só depois de Jahvé ter multiplicado a sua descendência passou a chamar-se *Abraão*, que significa «pai duma multidão».

Por outro lado, o *derramamento sacrificial do vinho* em vez do *derramamento sacrificial do sangue* é altamente significativo do ponto de vista alquímico: a tal união ancestral de Água e Fogo, ou seja, do poder sacerdotal e do poder real, fracturada em determinado momento histórico e novamente reinstaurada com o advento de Cristo, Rei e Sacerdote, é-nos dada precisamente pelo alcoólico **vinho**, síntese alquímica de **água** e **fogo**, tal como o Sangue, sede do Espírito, é uma essência relacionada com o Fogo. Relembremos a afirmação de João o Baptista referindo-se a Jesus: «Eu baptizo-vos com Água [...], mas aquele que vem depois de mim [...] baptizar-vos-á com o Fogo do Espírito Santo» (Mateus 3, 11).

Durante todo o longo, lento e penoso período da separação dos dois poderes, ou das duas linhagens, a linhagem real e a linhagem sacerdotal, as Iniciações assumiram — ou tiveram de assumir — determinadas formas e determinados padrões, de acordo com as épocas e as tradições esotéricas ou para-esotéricas onde se inserem e onde operam.

Podemos assim distinguir:

I. Formas de Iniciação proto-patriarcal (ver: Heindel 1995¹⁰):

— Iniciação real ou cainita;

— Iniciação sacerdotal ou sethiana.

II. Formas de Iniciação pré-cristã (ver: Magnien 1938):

— Iniciação *holoklêros*;

— Iniciação sacerdotal;

— Iniciação hierofântica, ou real.

III. Formas de Iniciação proto-esotérica (ver: Tourniac 1993):

- Iniciação de ofício;
- Iniciação cavaleiresca;
- Iniciação sacerdotal.

IV. Formas de Iniciação cristã esotérica (ver: Heline 1988⁶; Macedo 2000⁷):

- Mistérios Menores (Marcos, Mateus, Lucas);
- Mistérios Maiores (João).

Algumas das subdivisões destas formas iniciáticas foram interrompidas em dado momento histórico e extinguiram-se, outras, raras, têm conseguido manter-se até hoje; outras, ainda, mantêm-se na aparência mas já perderam o **Fogo** espiritual original: um fio tradicional, uma vez seccionado, não se pode reatar, tal como um fio telefónico, uma vez cortado, deixa de transmitir mensagens ainda que se lhe dê um nó. Se alguém descobrir os antigos rituais de uma tradição iniciática perdida e decidir recomenciar a aplicá-los, de nada servirá: o **Fogo** vem de cima, não de baixo. Se não houver uma nova *Onda de Luz* trazida pelos Mestres — ou pelos Superiores Incógnitos, no dizer de Fernando Pessoa —, bem podem os oficiantes recitar as fórmulas e executar os gestos rituais que não farão mais do que lidar com cascas vazias — e a transmissão não passa.

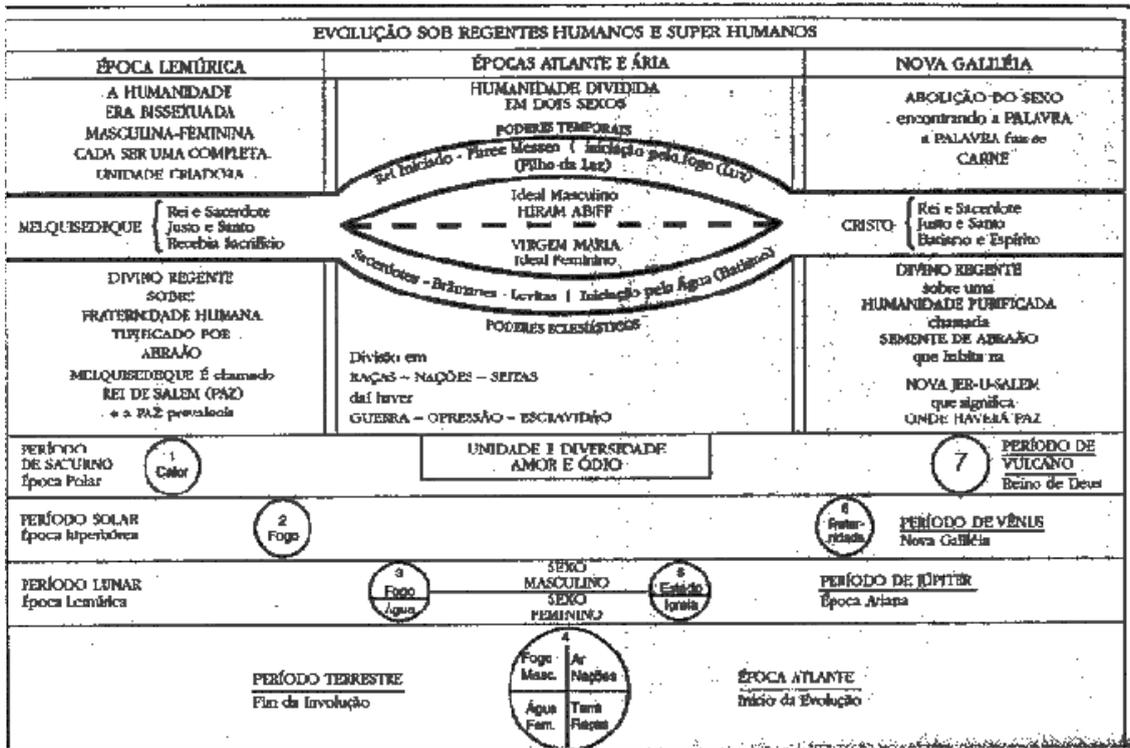


DIAGRAMA REPRESENTANDO A EVOLUÇÃO DOS REGENTES HUMANOS E SUPERHUMANOS SEGUNDO MAX HEINDEL, *Freemasonry and Catholicism*

- (1) A Primeira Era, quando cada ser humano era uma unidade criadora completa, macho-fêmea, bissexual e regida por um Hierarca, Melquisedeque, que exercia o duplo cargo de Rei e Sacerdote.
- (2) A Segunda Era, quando a divisão da raça em homens e mulheres, e a divisão de governo em Estado e Igreja, causaram guerras e lutas. O Estado abraça a causa da Paternidade e do Homem e eleva o ideal masculino das Artes, Ofícios e Indústria, encarnado em Hiram Abiff. A Igreja abraça a causa da Maternidade e da Mulher e mantém erguido o ideal feminino do amor e do lar, encarnado na Madona e seu filho. São os interesses conflitantes entre o homem e a mulher, o lar e o trabalho, a Igreja e o Estado, que causam as lutas econômicas, a guerra e as disputas com as quais a humanidade é atormentada e faz com que todos desejemos e oremos pelo reino da paz.
- (3) A Terceira Era, quando um Cristo divino que, como Melquisedeque, exercerá o cargo duplo de Rei e Sacerdote e reinará sobre uma humanidade purificada e glorificada que se elevou do amor-sexo ao amor-alma.

3. O estabelecimento das Ordens e os mitos fundadores

No que concerne especificamente à Iniciação feminina, as Ordens que conferem a Iniciação real ou *cainita* e a Iniciação sacerdotal ou *sethiana* assumem especial relevância: uma delas (da linha cainita), na sua vertente especificamente masculina, tem subsistido até hoje (referimo-nos à Ordem Maçónica), ao passo que a respectiva contraparte feminina (a Ordem de Arachne) viu-se obliterada num dado momento histórico, tendo sido interrompida a sua transmissão iniciática regular. Por outro lado, e de modo semelhante, a Iniciação da linha sethiana na sua vertente feminina, que existiu nas comunidades cristãs de tipo gnóstico, foi igualmente obliterada mas por obra da hierarquia eclesiástica proto-ortodoxa e ortodoxa, masculina, que transformou a *Iniciação sacerdotal* em *Ordenação sacerdotal*, sendo esta última arbitrariamente vedada às mulheres e inscrita, com esta restrição, no cânone da Igreja católica desde os seus inícios até hoje (Macedo 2000², 233-245).

Para melhor entendimento, recuemos até à instauração do mito primordial.



ADÃO E EVA

Albrecht Dürer (Nuremberga, 21 de maio de 1471 — Nuremberga, 6 de abril de 1528)

De acordo com o mito bíblico relatado no Génesis, Adão e Eva viviam em inocência no paraíso (Eden), até que a «Serpente» convenceu Eva a comer os frutos da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal; por sua vez, Eva deu a comer esses frutos a Adão, os olhos de ambos abriram-se e perderam a inocência (Génesis 3, 1-13). Com esse *conhecimento*, Eva e Adão entregaram-se à prática das relações sexuais e Eva concebeu Caim (Génesis 4, 1). Desta lenda existe uma outra variante, extrabíblica, que remonta à tradição targúmica (*Targum Pseudo-Jonathan Genesis 4, 1*) e refere que o primogénito de Eva, Caim, não era filho de Adão mas de um Anjo caído, Samael. Segundo esta variante, os Elohim criaram primeiro Eva, e um deles, Samael, rebelou-se contra Jahvé, e a ele se juntaram outros Elohim rebeldes (Lucíferos). Samael uniu-se a Eva em contravenção ao que estaria programado para a espécie humana por Jahvé, grão-chefe de todos os Elohim, e dessa união nasceu Caim, que seria portanto de estirpe

semidivina (pai divino, mãe humana), dotado com as respectivas capacidades: inteligência, inventividade, perícia criativa, herdadas de seu pai Samael — embaixador Lúcifer de Marte na Terra (Heindel 1973², 298-299; Heindel 1995¹⁰, 71-75).

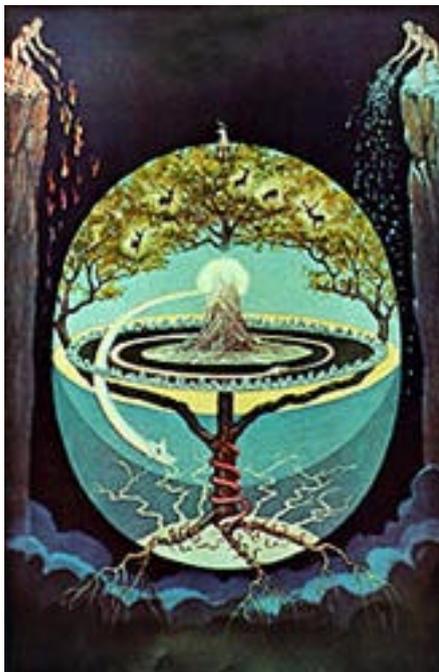
Anotemos desde logo que, tanto no mito bíblico, como no mito extrabíblico, Caim é sempre o primogénito, e nasce, quer num caso, quer no outro, em consequência da intervenção mais ou menos directa de um Espírito Lúcifer, marciano, designado por «Serpente» por ter despertado o **Fogo Serpentino** da *kundalini*, transmitindo aos seres humanos o conhecimento da reprodução sexual bem como o conhecimento do progresso e desenvolvimento intelectual.

Antes porém de irmos mais adiante convém esclarecer alguns pontos sobre os quais a opinião dos esoterólogos diverge da opinião institucionalizada das Igrejas. A palavra hebraica *elohim*, que as Bíblias correntes traduzem por «Deus», na verdade é um plural, «deuses», e nessa forma plural aparece mais de duas mil vezes na Bíblia hebraica, a começar pelo primeiro capítulo do Génesis: «No princípio Elohim criou o céu e a terra» (Génesis 1, 1). A forma singular, *eloah*, também se encontra no Antigo Testamento: só no livro de Job, por exemplo, aparece cerca de 40 vezes. Excluída a frágil explicação do plural majestático, que de facto em hebraico não existe, certos autores interrogam-se acerca do real significado de não poucas passagens bíblicas, como por exemplo o seguinte versículo: «Elohim criou o ser humano [hebr. *ha-adam*] à imagem de si próprio, à imagem de Elohim o criou, macho e fêmea os criou» (Génesis 1, 27). Eis uma expressiva sentença que tem continuado a desencadear as mais controversas especulações: o Deus plural Elohim seria andrógino? Ou: não se trataria antes dum arcaico *panteão de deuses e deusas*, machos e fêmeas, aos quais a criatura humana se assemelharia?...

Um certo número de historiadores (cf. Frymer-Kensky 1992; Paul 2000; etc.) admite que os israelitas, à semelhança de outros povos que os antecederam no Médio Oriente como os sumérios, os acádios, os ugaritas, os egípcios, começaram por ser *politeístas*, em seguida tornaram-se *henoteístas* (devoção a um deus máximo exclusivo, o deus tribal Jahvé, aceitando embora a existência doutros deuses menores), até que finalmente se fixaram no *monoteísmo* conforme nos testemunham textos tardios como o Deuterónimo, em que o deus tribal Jahvé acabou por eliminar todos os outros deuses tornando-se único e universal: «Escuta, Israel, Jahvé é o nosso Deus, Jahvé é um só» (Deuterónimo 6, 4)

As mais divulgadas correntes esotéricas neo-ocultistas (Blavatsky, Heindel, Steiner, Aïvanhov, etc.), inspirando-se em autores de *theosophia perennis* dos séculos XVII e XVIII, e anteriores, sugerem que os Elohim correspondem às seis Hierarquias Criadoras que trabalharam na evolução do ser humano a fim de trazerem o homem até ao ponto de adquirir uma forma física por meio da qual o Espírito interno pudesse funcionar. Assim, Jahvé seria o chefe dessas Hierarquias, e não exactamente o Ser Supremo com que redactores tardios o confundiram. Não podemos esquecer que os livros do Antigo Testamento bíblico tais como os conhecemos hoje, sobretudo os mais primitivos, resultaram de uma longa e arcaica tradição oral que foi por fim passada a escrito por sucessivas gerações de redactores e escribas, com as correcções, reformulações e deformações inevitáveis.

4. As duas linhagens: a do Fogo e a da Água



A ARVORE YGGDRASIL E AS DUAS LINHAGENS
J.A.Knnap

Ora, continuando a descrição do mito primordial que vínhamos relatando, o Espírito Lucífero Samael ao ir contra as determinações de Jahvé e ao ter dotado os seres humanos com o Fogo do Conhecimento (compare-se com o mito grego de Prometeu!), incorreu na ira deste chefe hierárquico e foi obrigado por Jahvé a afastar-se de Eva antes do nascimento do seu filho Caim, que ficou assim conhecido como *filho da viúva*. Em seguida, Jahvé criou Adão para com ela se unir (o nome Eva vem duma palavra hebraica, *hawah*, que significa «dadora da vida»). As correntes esotéricas que atrás referimos, e outras da mesma vertente neo-ocultista, pormenorizam e enfatizam o facto de os Espíritos Lucíferos (associados alquimicamente ao Fogo e astrologicamente ao planeta Marte) terem desvendado aos seres humanos o conhecimento da reprodução *física* (sexo) e da reprodução *intelectual* (voz, palavra de razão); Caim, de estirpe marcial e luciferina, cujo nome deriva duma raiz hebraica primitiva que significa «metalúrgico», deu naturalmente origem a uma descendência de artífices e de inventores — *homo faber* —, como se lê no capítulo 4 do primeiro livro bíblico (Génesis 4, 17-24).





A Morte de Abel, gravura de Gustave Doré, (1832-1883)

Por sua vez o segundo filho de Eva, Abel, este sim de Adão, acabou por ser morto por Caim, e a razão desta morte insere-se numa lógica histórico-civilizacional: Abel era pastor, e Caim agricultor. A pastorícia primitiva, por força da transumância a que é obrigada em busca de novos pastos, indicia um estágio anterior de evolução da humanidade em relação à agricultura, produto de técnicas de manipulação genética das plantas e do cuidado e amanho das terras que permitem ao homem fixar-se e crescer colectivamente, estabelecendo-se em núcleos urbanos. *A morte de Abel por Caim não foi um mitológico fratricídio, mas um facto comum à história das civilizações: Caim não matou o seu irmão Abel, matou o «modo primitivo de viver», o homo faber acaba por «matar» o outro homem, o que se mantém regressivo no estágio de pastorícia.*

Continuando o mito, ficamos a saber que, para substituir Abel, Adão e Eva geraram Seth, o qual por sua vez gerou Enosh dando origem à linhagem do *homo pius* — a classe devocional e sacerdotal —, tal como se diz na Bíblia: «Foi então que os homens começaram a invocar Jahvé pelo seu nome» (Génesis 4, 26).

Genealogia de Adão até Davi segundo a Bíblia											
Adão até Sem	Adão	Sete	Enos	Ouenan	Mahalalel	Jarede	Enoque	Matusalém	Lameque	Noé	Sem
Arpachade até Jacó	Arpachade	Selá	Éber	Pelegue	Reú	Serugue	Naor	Terá	Abraão	Isaac	Jacó
Judá até Davi	Judá	Perez	Ezron	Aram	Aminadabe	Naasom	Salmon	Boaz	Obed	Jessé	Davi

Ficam assim bem estabelecidas as duas grandes linhagens:

(1) A do *homo faber* que trabalha o **fogo**: — Dele derivam o aparelho de Estado e os reis, os artífices, a indústria, descendentes de **Caim** e associados ao Lucífero planeta Marte, deus do ferro, do fogo e da guerra. A respectiva Organização Iniciática, expressão interna do **sagrado real**, é o conjunto polar de duas Ordens: a Ordem

Maçónica (**ROC**, ou Real Ordem dos Construtores) e a Ordem de Arachne (**ROT**, ou Real Ordem das Tecedeiras) (Macedo 2000², 211-218);

(2) A do *homo pius* submetido à **água** benta: — Dele derivam os clérigos, os devotos, os sacerdotes, descendentes de **Seth** e associados à húmida Lua, planeta da alma, da fecundação, das emoções. A respectiva Organização Sacramental, expressão interna do **sagrado sacerdotal**, é a Igreja (Heindel 1995¹⁰, 20-22).

6. As Ordens *sagradas* primordiais: cainita e sethiana

Acabámos de ver, segundo o que ensinam as mais comuns correntes esotéricas de tradição judaico-cristã e/ou hermesista neo-alexandrina, as origens das formas primordiais de Iniciação, a Iniciação real ou cainita (de Caim) e a Iniciação sacerdotal ou sethiana (de Seth). Convém deixar bem claro desde o início, e tal como já se esboçou mais atrás, que os respectivos *poderes hierofânticos*, o **poder real** e o **poder sacerdotal**, são *sagrados*, em oposição aos poderes e actos *profanos*. Já agora, e para acréscimo de esclarecimento, anotemos que o termo «sagrado», que deriva do participio latino *sacratus*, «consagrado», tem a sua origem inicial no verbo latino *secedere*, que significa «retirar-se», «apartar-se», «afastar-se», o que implica desde logo a ideia de alguma forma de núcleo iniciático, reservado e restrito, e da correlativa disciplina do segredo (*disciplina arcani*), no templo, no palácio ou no laboratório — no que se opõe ao que é permissível em campo aberto e aos que apenas podem ficar fora do templo, ou seja, os profanos (latim: *pro fanum*, «diante do templo»), não lhes sendo permitido o acesso-ingresso no respectivo recinto reservado.

Nunca será de mais repetir e acentuar que tanto o **sagrado real** como o **sagrado sacerdotal**, opondo-se embora ao mundo *profano* por serem campos *sagrados*, são-no todavia segundo modelos que têm seguido percursos divergentes ao longo duma extensa fase da História, senão mesmo conflituosos, como podemos observar por exemplo em todas as lutas que durante séculos opuseram, no Ocidente, o papado aos reis e imperadores. (A confirmar a *sacralidade* da linhagem *real*, e não apenas da eclesiástica e *devocional*, observemos o facto não inocente de os imperadores germânicos que se opuseram ao papado na Idade Média considerarem o seu império como **Sacro Império Romano**).

A Iniciação sethiana, ou Iniciação *sacerdotal*, manteve-se como Iniciação regular através de diversas tradições antigas (mesopotâmica, persa, judaica, grega, etc.) até ao momento da *exoterização* progressiva da tradição cristã com a preponderância crescente das comunidades cristãs proto-ortodoxas e ortodoxas que deram origem à Grande Igreja de Roma reconhecida e tolerada oficialmente por Constantino em 313 d.C., e imposta como religião *única* de todo o Império Romano, com proibição total do paganismo (e mesmo do cristianismo gnóstico e/ou esotérico) pelo imperador Teodósio em 391 d.C. No caso da tradição cristã, a *Iniciação sacerdotal* manteve-se nas comunidades de tipo esotérico (gnósticas, etc.) enquanto duraram, apesar das implacáveis perseguições que sofreram por parte da Igreja romana conforme se pode coligir de relatos históricos coevos e dos textos gnósticos que chegaram até nós, bem como da interpretação crítica que deles se pode fazer (Hoeller 2002, 81-92). Com a *exoterização* progressiva da linha eclesiástico-ortodoxa do cristianismo, a **Iniciação sacerdotal** desapareceu para dar lugar à **Ordenação sacerdotal**, e o sacerdócio deixou de ser *mysterium* para se tornar *sacramentum*, validamente conferido apenas aos baptizados do *sexo masculino* de acordo com o direito canónico da Igreja católica romana («Sacram ordinationem valide recipit solus vir baptizatus», cânone 1024 do *Codex iuris canonici* [«Código do Direito

Canónico]], versão reformada do *Codex* de 1917, e promulgada em 25 de Janeiro de 1983 por João Paulo II).

Concentremo-nos, agora, na Iniciação cainita — originadora das Escolas de Mistérios e respectivas Iniciações *ocultas* —, uma vez que a Iniciação sethiana, própria da classe devocional e sacerdotal, não dá origem a Escolas de Mistérios devido à sua vertente exclusivamente *mística*. De acordo com o esoterista Oswald Wirth (1860-1943), o *ocultista* desenvolve a sua *individualidade* através da exaltação do Enxofre e a sua Iniciação é **masculina** ou dórica (Marte), ao passo que o *místico* conforma a sua *personalidade* aos princípios da Iniciação **feminina** ou jónica (Mercúrio segundo Wirth, Lua segundo Heindel), sendo que o ideal máximo a alcançar consiste na superior harmonização de ambos os princípios, a que Wirth chama o *Teurgo* e as correntes Rosacruz o *Adepto*, em que se concilia a elevada actividade intelectual do ocultista com a elevada passividade cordial do místico (Wirth 1975, cap. VI) (Para se complementarem mais detalhes sobre a diferença entre *Iniciação oculta* e *Iniciação mística*, ver: Macedo 2006, 37; Macedo 2000², 268-276).

Porquê a necessidade de duas Ordens contrapolares, uma masculina e outra feminina, a **ROC** (Real Ordem dos Construtores) e a **ROT** (Real Ordem das Tecedeiras) para a transmissão iniciática de determinados saberes — neste caso, concretamente, os saberes e os segredos dos *ofícios reais* atinentes à *protecção mágica, astrológica, alquímico-hermética e cabalística* do corpo-templo do ser humano?

Para além de outras artes e ofícios respeitantes a outras tantas formas de protecção, como a medicina, a filosofia ou a arte de bem navegar, sempre se prestou, desde o início, uma especial atenção aos ofícios que protegem directamente o corpo-templo do ser humano das «**trevas exteriores**», protecção essa realizada sob duas formas complementares, a *construção* protectiva com minerais e a *tessitura* protectiva com tecidos orgânicos.

Vejamos a origem desta dupla tradição esotérica.

7. A ROC e a ROT

Uma antiga tradição hindu descreve-nos a existência duma Grande Muralha circular que envolve o mundo, protegendo-o contra as influências maléficas ou nefastas de origem «negra». Essa Grande Muralha é uma imensa montanha em forma de anel chamada *Lokâloka* — a montanha é o símbolo de união entre o céu e a terra —, e separa o cosmo (*loka*) das «trevas exteriores» (*aloka*), e no centro desse vastíssimo círculo protector ergue-se o monte Meru, símbolo axial do centro do mundo. Reza ainda a lenda que nos finais da Idade do Ferro (*Kali-Yuga*) — a nossa época — a Grande Muralha começará a abrir «rachas» através das quais se infiltrarão progressivamente as forças destrutivas das «trevas exteriores», que o mesmo é dizer, as influências satânicas e o reino do Anticristo (Guénon 1989, 163-166). O cosmo, portanto, é o lugar da luz — a palavra sanscítica *loka*, que significa propriamente «lugar», tem a mesma raiz que o termo latino *lux, lucis*, «luz» —, e as trevas exteriores que o acometem (*aloka*) não são mais do que os invisíveis reinos infernais e purgatoriais a que os alquimistas da Idade Média e do Renascimento chamavam «mundo astral inferior». A conhecida expressão «trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes» ocorre três vezes na Bíblia, e apenas no Evangelho de Mateus: no relato da cura do servo do centurião (Mateus 8, 5-13) e em duas parábolas sobre o Reino dos Céus (Mateus 22, 1-14; 25, 14-30).

De acordo com o preceito hermético *quod est superius ut quod est inferius* — como é em cima, assim é em baixo —, o mito da Grande Muralha circular que protege o Macrocosmo das influências malignas tem a sua contraparte microcós mica na «muralha» que o ser humano traça e erige na terra para se proteger, sendo que esta muralha é dupla, e executada em dois tipos de materiais, uns inertes, outros orgânicos:

— Em primeiro lugar: a muralha «de fora», feita basicamente a partir dos *reinos minerais* (pedra, tijolo, etc.) e é o edifício (templo, palácio, laboratório, casa, etc.);

— Em segundo lugar: a muralha «de dentro», feita a partir dos *reinos vivos* ou *orgânicos* (fios de origem vegetal: linho ou algodão, e fios de origem animal: lã ou seda), e é a veste que se usa junto ao corpo ou a tapeçaria que, no interior da casa, reforça a magia defensiva desta.

Temos assim que a primeira é da competência iniciática da Ordem Maçónica, ou **Real Ordem dos Construtores (ROC)**, e a segunda compete à Ordem de Arachne, ou **Real Ordem das Tecedeiras (ROT)**.

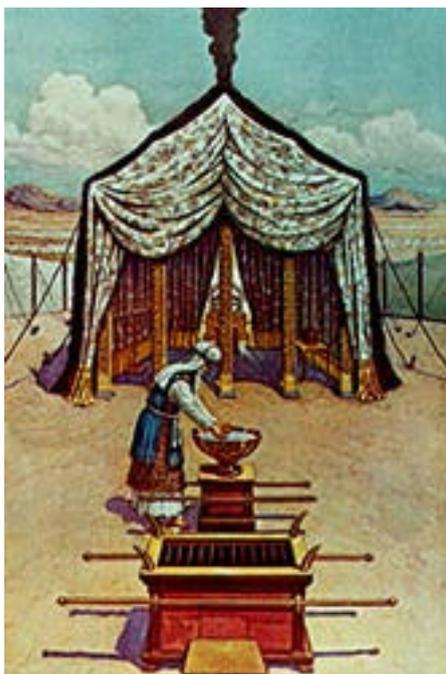
Ambas as Ordens vão beber os seus princípios na mesma Geometria Sagrada que confere o conhecimento dos *traçados eficazes* que tanto defendem o ser humano das intempéries físicas como das invisíveis energias negativas, conhecimento transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo — ou de mestra a discípula.

A casa, de pedra bruta talhada em «pedra polida», ou melhor, em «pedra cúbica», constitui a primeira linha de defesa contra as «trevas exteriores», ao passo que a veste, tecida de delicados fios orgânicos, constitui a segunda barreira, mais fina mas não menos eficaz, aderente ao *templo de Deus* que é o corpo, no dizer de Paulo: «Não sabeis que sois templo de Deus, e o espírito de Deus habita em vós?» (1 Coríntios 3, 16).

O que é válido para a geometria arquitectónica da casa, é válido para o tecido. A urdidura dos seus fios, quer seja cruzando-se (cruz), quer entretecendo-se em espirais (labirinto), quer noutras formas, representa uma barreira e uma defesa, não só contra os inimigos físicos (calor, frio, humidade, animais, etc.), como sobretudo contra as influências psíquicas hostis: se os *ritos secretos* forem correctamente realizados, aquelas urdiduras serão dotadas com um real valor de protecção, e isto duplamente, não só impedindo que penetrem as influências malélicas do exterior, mas também que saiam e se dispersem as benéficas provindas do interior (Guénon 1962, 375).

É esta, pois — segundo as mais antigas tradições esotéricas do Ocidente —, a origem das Ordens iniciáticas que repercutem nos níveis *somático* e *psíquico* do ser humano, e que exigem iniciações diferenciadas segundo os sexos e as castas, em contraste com a Superior Iniciação Cristã, de carácter *noético* e *pneumático*, segundo a qual «já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há varão nem mulher, pois todos vós sois **um** em Cristo Jesus» (Gálatas 3, 28).

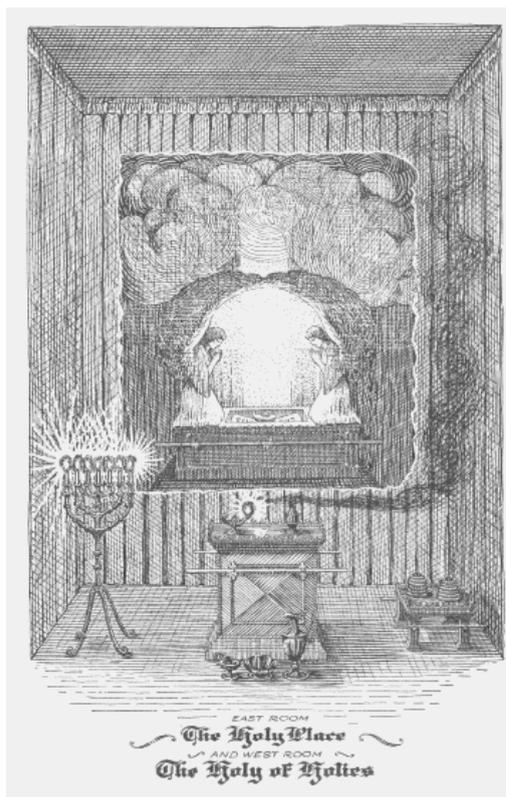




O ser humano, como lemos nas epístolas de Paulo (1 Tessalonicenses 5, 23), é um compósito de corpo (*sôma*), alma (*psychê*) e espírito (*pneuma*). Ora, as Iniciações da Antiga Aliança apenas repercutiam no *corpo* e na *alma*; em contrapartida, a Iniciação dos novos **Mistérios Cristãos**, mais elevada que as anteriores (Iniciação *espiritual*), deixou de ser sectorizada e abriu-se para ambos os sexos e para todas as castas e raças, e isso foi possível graças à Dispensação Crística acessível a **todos** — os tais «todos», como diz Paulo, que são «**um** em Cristo Jesus» —: no momento em que Jesus expirou na cruz, «o véu do Templo rasgou-se ao meio, de alto a baixo» (Mateus 27, 51; Marcos 15, 38; Lucas 23, 45), abrindo-se simbolicamente a passagem entre o Lugar Santo onde era queimado o incenso do *serviço*, e o sacratíssimo Santo dos Santos (*Sanctum Sanctorum*) onde se guardava a Arca da Aliança, pois era esse véu, descrito no livro do Êxodo, que separava e isolava aqueles dois compartimentos do santuário. Com essa abertura para a *divina espiritualidade presencial* (*Shekhinah*) residente na Arca da Aliança, a Iniciação cristã elevou-se espiritualmente em relação às antigas Iniciações:

— Elevou-se do corpo e alma (*sôma* e *psychê*) para a mente superior e espírito (*noûs* e *pneuma*).





O LUGAR SANTO E O SANTO DOS SANTOS
Max Heindel

O intelecto superior (*noûs*) e o espírito (*pneuma*) são **idênticos** tanto para o homem como para a mulher, mas os respectivos corpos (*sôma*) são polarmente diferentes, tais como as respectivas almas (*psychê*); assim, a **ROC**, ou Ordem dos Arquitectos-Maçons trabalhadores da pedra bruta (mineral), só podia ser integrada por homens, de **corpo físico positivo e corpo anímico (psíquico) negativo**, aptos a trabalhar iniciaticamente os pesados e inertes minerais, ao passo que a **ROT**, ou Ordem das Tecedeiras, só podia ser integrada por mulheres, de **corpo físico negativo e corpo anímico (psíquico) positivo**, aptos à subtileza do trabalho iniciático com o fio vegetal ou animal.

Esta é a principal razão, senão a única, por que a Iniciação Maçónica não convém às mulheres, visto repercutir de forma polarmente oposta sobre os seus veículos somático e anímico; devido a uma deformada compreensão do que é a **Ordem Maçónica** — decaída em simples «Maçonaria» que em certas Obediências, hoje, pouco mais é do que um clube em vez de uma Ordem iniciática —, as mulheres indignam-se com a sua exclusão desse «clube», e têm exigido — e conseguido — obter ingresso quer em Lojas maçónicas com adopção feminina, quer em Lojas mistas, quer em Lojas especificamente femininas, esquecendo que a sua constituição somático-anímica, ou somático-psíquica, torna inúteis senão mesmo perniciosas tais iniciações, uma vez que a sua linha iniciática é outra. (Uma interessante excepção a este condicionamento poderá estar na Carbonária Florestal, como tentaremos indagar mais adiante).

Compreendemos os problemas que isto levanta se atendermos ao facto de a Ordem Maçónica, sucedânea especulativa da ROC, se ter mantido até hoje sob as diversas formas que têm assumido as Obediências maçónicas, mais ou menos regulares; mas, mesmo em casos de *regularidade* duvidosa, pode-se dizer que a transmissão iniciática dos segredos protectores da ROC não sofreu interrupções, ao passo que da

ROT não subsistem actualmente vestígios comprováveis dos quais se possa um conhecimento inquestionável e fidedigno.

Trata-se, sem dúvida, de um grave problema que a *Iniciação feminina protectiva* contra as «trevas exteriores», da competência da ROT, enfrenta nos dias de hoje — a ROT foi interrompida num dado momento histórico, foi misteriosamente eliminada do tablado iniciático e o seu fio tradicional perdeu-se, perdendo as mulheres do mesmo passo a sua específica *Iniciação de ofício protectivo*. E, já o dissemos, um fio tradicional uma vez quebrado não se pode reatar.

Tentemos examinar e compreender como é que isso aconteceu.

8. A deusa-padroeira das *Tecedeiras*

Há quem pretenda que vestígios da antiga ROT, em tempos relativamente recentes, se poderiam descobrir neste ou naquele lugar, neste ou naquele grupo, como lemos por exemplo em René Guénon sobre uma corporação feminina de *épinglières* (alfineteiras), no século XVIII, em França, que se teria vinculado em *compagnonnage* (Guénon II-1992, 24-nota) ou em J. Leite de Vasconcelos ao referir, em livro publicado em 1913, que «no Alto-Minho as tecedeiras invocam como sua advogada a *Senhora da Enderença*, e em Trás-os-Montes a *Senhora das Dores*»: estas Senhoras seriam o substituto cristão da deusa Minerva, padroeira do fiar e do tecer (Vasconcelos III-1913, 572-nota 3).



NOSSA SENHORA DAS DORES, Paraquia de Alba de Tormes, Salamanca

A referência a Minerva neste contexto lusitano é-nos testemunhada por S. Martinho de Dume, ou de Braga (518-579 d.C.), na sua obra *De Correctione Rusticorum*, um sermão que Martinho escreveu para combater as superstições rústicas da Galécia (Galiza e actual Minho) e que se nos revela precioso pelas informações que aduz sobre costumes e usos ancestrais da região. Aí diz Martinho, no § 16 do seu texto, que «voltaram ao culto diabólico» os que acreditam em adivinhações e agouros, festejam os ídolos, proferem palavras mágicas, etc. — e as tecedeiras que imploram a Minerva: «Mulieres in tela sua Minervam nominare et Veneris diem in nuptias observare et quo die in via exeatur adtendere, quid est aliud nisi cultura diaboli?» (Que

as mulheres invoquem Minerva para urdir as suas telas, observem nas núpcias o dia de Vénus, e atendam ao dia em que se faz a viagem, que outra coisa é senão o culto do diabo?)



MINERVA

Deusa da sabedoria, das artes e da guerra, era filha de Júpiter. Correspondente à grega Atena.

E por que é que as tecedeiras invocavam Minerva?

Trata-se duma tradição muito antiga já citada nos textos hebraicos do Antigo Testamento bíblico, os quais dão testemunho de tradições ainda mais antigas, talvez de origem egípcia e ugarítica, que teriam passado para a tradição hebraica e posteriormente para Grécia e Roma.

O Templo de Salomão foi decretado como único local de veneração a Jahvé, em todo o reino de Judá, pelo rei Josias (século VII a.C.). Depois de ter descoberto no Templo o Livro da Lei (que aparentemente desconhecia), Josias reformou o culto a fim de evitar as calamidades previstas pela profetisa Huldah (2 Reis 22, 1-20). Em consequência dessa descoberta do Livro da Lei, Josias mandou expulsar do Templo as *Tecedeiras Sagradas*, devotadas à deusa-Mãe **Asherah**. A mais antiga representação da deusa Asherah, esculpida numa caixa de marfim, foi encontrada nas escavações da antiga cidade de Ugarit (actual Ras Shamra), na Síria, e data do século XIV ou XIII a.C. Deusa semita de grande antiguidade, o seu nome completo significa «Aquela-Que-Se-Passeia-No-Mar». De acordo com textos escritos em caracteres cuneiformes ugaríticos, em tabuinhas de barro, o esposo de Asherah era o deus **EI** (deus do céu, e depois Baal, «Senhor»), e foram progenitores de 70 deuses. A deusa da fertilidade e da regeneração Asherah é citada no Antigo Testamento bíblico (1 Reis 15, 13; 2 Crónicas 15, 16), e tem sido equiparada à deusa-padroeira das Tecedeiras Sagradas egípcias, hebraicas, cananitas, sírias, gregas e latinas, devotas de Neith-Asherah-Manevrah-Athena-Minerva...



ATHENA

Homero, na *Odisseia*, ao referir-se a Athena, deusa guerreira e sapiencial, diz em repetidos passos que era «hábil em primorosos labores», referindo-se à arte de tecer em que a deusa era exímia e que tutelava. Athena — a quem os romanos chamavam Minerva — identificava-se, segundo Platão (*Timeu*, 20d), com a deusa Neith, uma das mais antigas da Líbia e do Egito, também *guerreira* e *tecedeira*, misteriosa associação que une na mesma *tessitura* as estratégias rituais da *sabedoria*, do *amor*, do *combate* e da *defesa* do frágil corpo contra o assalto das energias negativas das «**trevas exteriores**», conforme já tivemos ocasião de realçar no capítulo anterior.



NEITH

No *Livro dos Mortos* dos egípcios a deusa Neith — cujo nome significa «a que existe», ou a eterna — é invocada como a «Senhora de Saís» (*Livro dos Mortos* XLII, 7; CLXIII, 13), cidade que se tornou célebre pelos tecidos de linho que aí se fabricavam e onde a deusa tinha um oráculo e um templo admirável pela sua grandiosidade e riqueza, que fora mandado edificar pelo rei Ahmose I do Egito, fundador da 18.^a dinastia. Um

dos seus santuários era uma escola iniciática de sacerdotisas-tecedeiras, ou bordadoras, chamada Hait Monkhitu («Casa dos Panos»), e aí se urdiam e bordavam as vestes para adorno dos deuses e dos mortos.

Reza uma antiga tradição que os saítas, orgulhosos da importância e beleza dos seus tecidos e urdumes, expunham em especiais festas a estátua da deusa na figura duma mulher com uma lançadeira de tear na mão direita, e davam a esta imagem o apelativo de *Manevrah*, que significaria «ofício de tecelagem» — donde teria derivado o nome de Minerva.

9. A Ordem de Arachne



Arachne

Artista desconhecido (atribuído à Susan Seddon Boulet [1941-1997])

Chegados aqui, e com os dados de que dispomos, talvez nos encontremos neste momento um pouco mais habilitados para levantar uma pontinha do véu do mistério que recobre o desaparecimento da Iniciação feminina protectiva, ou seja, o da Real Ordem das Tecedeiras (ROT).

Dizia-se que a primordial Iniciação da ROT fora bebida nos Mistérios Órficos, pois a filha de Cibele-Deméter, Perséfone, era a Koré, ou a jovem vegetação filha da Terra-Mãe, toda ela *tecida* à semelhança do vasto *peplum*, ou colorido manto recamado, que é o céu, sendo este como que a vestimenta dos deuses urânicos: Koré seria portanto a *divina tecedeira* iniciadora da ROT (Dujols 1991, 89). Tal como a doméstica Penélope, em contrapartida, teria dado origem ao ofício profano — das mulheres que ficam em casa. Mas de Penélope falaremos mais tarde.

Na desafortunada ausência de documentos históricos, poderemos sempre — não sem risco, embora — tentar descodificar a *verdade oculta* que se encontra arcanamente camuflada nos *mitos*.

Um desses mitos, e dos mais instrutivos, referente ao *corte oculto* que sofreu a Iniciação feminina é o de Arachne, que vem referido em alguns autores antigos, como

Virgílio, Ovídio, Sérvio, Plínio... O autor que mais o pormenoriza é Ovídio (43 a.C.-17 d.C.) na sua obra-prima *Metamorfoses*, um longo poema em quinze livros onde encontramos esse mito bastante desenvolvido e repleto de sugestivas pistas.



A esfinge de Gizé, com a pirâmide de Quéfren atrás dela

As *Metamorfoses* são um poema épico único no seu género, uma exaustiva antologia cronológica de episódios mitológicos e lendários em que o tema recorrente e obsessivo é o da metamorfose, ou da transformação, ou melhor ainda: da *transmutação* — o que nos revela o cariz alquímico de toda a obra. Na enorme colecção de histórias narradas nem sempre é óbvia, todavia, a transmutação do chumbo em ouro, pelo contrário, quase sempre parece cair-se na regressão — como se fosse possível reverter do ouro ao chumbo! Na verdade, as fábulas das *Metamorfoses* em que seres humanos prevaricam e são castigados (*provados*), sendo transformados em monstros, em plantas, em animais, ou mesmo em minerais, não estão a historiar uma regressão, mas a propor um *símbolo* que terá de ser entendido num contexto *probatório* — a «prova da Esfinge» —, e portanto *iniciático*, uma vez que a Esfinge resume a *prova dos quatro elementos*, ou das *quatro naturezas*: o corpo de touro (Terra), as asas de águia (Água), o rosto humano (Ar) e as garras de leão (Fogo) são mais do que claros índices da *occulta philosophia* hermética velada/desvelada nos mitos do poema.



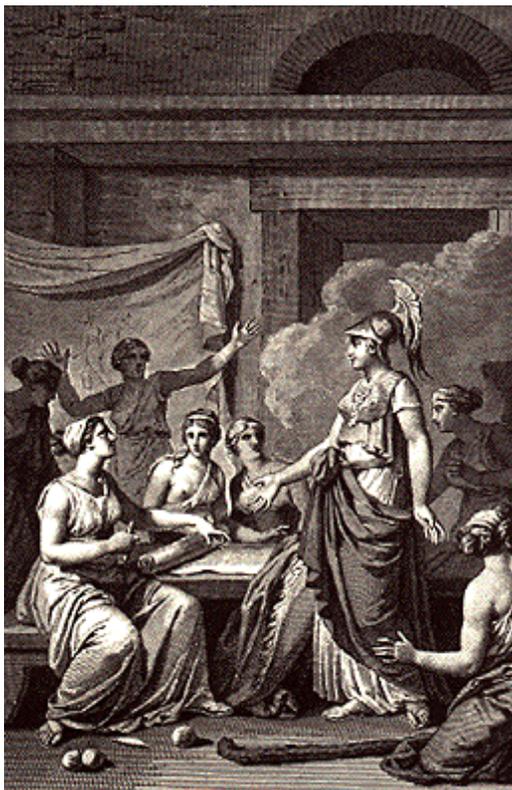
*Esfinge grega
Museu do Templo de Apolo, Delfos*

O mito de Arachne, no caso que nos ocupa, relata-nos um determinado drama histórico: o drama duma tradição perdida. E as circunstâncias dessa perda, dissimuladas sob a cifra e o símbolo, são-nos descritas precisamente nos 142 versos do livro VI daquela obra de Ovídio que a esse mito se referem.

Quem era Arachne? Começemos pela sua ascendência. Natural de Cólofon, cidade da Jónia, na Ásia Menor, o seu pai Idmon tingia lãs com púrpura da Fócida:

Phocaico bibulas tingebat murice lanas (Ovídio 1961, VI, 9).

Era ele pois um *tintureiro*, modo velado de desvelar que se tratava dum *espagirista*, cuja arte Fulcanelli nos pormenoriza no seu livro *As Mansões Filosófais*: a Espagíria é a contraparte manipulatória da Alquimia, inspirando-se nos altos princípios herméticos desta última mas descendo aos secretos labores sobre a matéria que permitem obter surpreendentes efeitos práticos. As transmutações que a Alquimia contempla na sua filosofia espiritual materializam-se na arte espagírica, que tanto ajuda ao vidreiro como ao metalúrgico, ao tintureiro, ao esmaltador ou ao que pretende obter ouro. Arachne, filha dum espagirista, era pois uma iniciada na arte de *tecedeira* em que se tornara incomparável. A sua fama ia tão longe que as ninfas das montanhas e dos rios da Frígia e da Lídia saíam das grutas onde habitavam para vir admirar os seus trabalhos, e era tão perfeita a tecer que se dizia ter sido ensinada por Palas — nome ritual da deusa Athena, outras vezes também chamada, redundantemente, Palas Athena.



Athena e Arachne

Arachne, tão hábil a tecer como orgulhosa, detestava que a considerassem discípula de Athena, pois entendia que os segredos da sua arte de ninguém os aprendera e só a ela mesma os devia, e um dia ousou desafiar a própria deusa: «Que venha competir comigo, disse, a tudo me submeterei se for vencida!» (Ovídio 1961, VI, 25).

Athena tentou dissuadi-la, mas Arachne, ousada e insubmissa, persistiu, e por fim a deusa, irritada, aceitou disputar com ela a prova de quem haveria de tecer a melhor tapeçaria. Passemos por alto a extraordinária descrição que Ovídio faz dos trabalhos de ambas, e realcemos apenas que a tapeçaria de Arachne ilustrou em expressivas imagens o assédio sexual de deuses machos às pobres mortais desprevenidas, a algumas ninfas e até a divindades, como por exemplo Júpiter disfarçando-se de touro para raptar a jovem Europa, de cisne para cativar Leda, de sátiro para violar Antíope, de serpente para penetrar Prosérpina, de ouro para seduzir Danae, de fogo para fascinar Egina, ou Neptuno disfarçado de touro para possuir a virgem Arne, filha de Eolo, de carneiro para conquistar Bisaltis, de rio para sujeitar Ifimédia, mulher de Aleus, de cavalo para seduzir a deusa Ceres, de golfinho para violar Melanto filha de Proteu, que gostava de cavalgar golfinhos... e vários outros, como Apolo, Baco, Saturno...

O trabalho de Arachne era tão perfeito que a deusa não suportou a afronta da terrível acusação, que ultrapassou os limites da impiedade: era o grito da Iniciada que não tolera o ultraje à sua essência de ser humano e sobretudo de mulher: os deuses machos têm o sexo feminino em tão baixa conta que entendem ser a melhor maneira de conquistá-lo o disfarçarem-se de animais ou de minerais!

A deusa Athena em cólera despedaçou a tapeçaria de Arachne onde os divinos e nefandos crimes se exibiam, e bateu-lhe no rosto, três ou quatro vezes, com a lançadeira que tinha nas mãos. Arachne desesperada correu a enforcar-se mas, no momento em que se suspendeu, Athena impediu-a de morrer — e transformou-a em **aranha**, supensa do fio.



*Vestígios da tradição Arachne entre os Navajos,
descendentes dos Atlantes*

É nítido, neste *mythos*, o contorno duma *tradição iniciática* que se perdeu. A arte de fiar e de tecer, possuída pela deusa mas cujos *segredos eficazes* Arachne herdara e aprimorara a partir duma longínqua tradição (o pai era um espagirista, mas ela era uma alquimista!), remonta aos tempos pré-atlantes, e o corte, ou a suspensão, que o mito relata pela queda no *estatismo animal* desvenda-nos que a Real Ordem das Tecedeiras (ROT) teve o seu fim nesse ponto conflituoso do certame entre Arachne e Athena. A **aranha**, ao contrário da evolutiva humanidade, é incapaz de *melhorar* a sua **teia**, ou o seu bordado, tal como as abelhas que Virgílio nos descreve no livro IV das *Geórgicas* mostram tanta habilidade técnica a fazer o mel como passados mais de dois mil anos as abelhas de hoje, que não acrescentaram nada ao que as suas ancestrais já sabiam.

10. A decaída de Penélope



PENELOPE
Representada como uma estátua no Vaticano

Para melhor intelecção do que se disse no capítulo anterior, acrescente-se uma breve referência a uma outra tecedeira — Penélope.

A lenda de Penélope, a fidelíssima esposa de Ulisses, é bem conhecida. Muitos autores antigos a glosaram mas foi Homero quem pela primeira vez a narrou, na *Odisseia*. Durante os vinte anos em que Ulisses esteve ausente devido à Guerra de Tróia e às aventuras que lhe sucederam no regresso e retardaram a sua volta ao lar, Penélope sempre resistiu a quebrar os votos matrimoniais. Rodeada de pretendentes que a consideravam viúva, fez saber que escolheria um novo marido apenas quando terminasse uma certa teia que se propôs tecer — a mortalha do sogro dela, Laertes, já muito idoso e não muito distante dos últimos dias de vida. Penélope ordenou às servas que levantassem um grande tear na sala e pôs-se a tecer o funéreo manto; durante o dia, trabalhava no tecido; de noite, porém, às escondidas, desmanchava quanto urdira à luz do dia. Deste modo conseguiu enganar os pretendentes durante três anos, até que foi descoberta — mas Ulisses chegou a tempo e trucidou os pretendentes com requintes de crueldade... (Homero 2003, II, 85-128; XIX, 104-250; XXII, 1-501).





Odysseus and Penelope by Francesco Primaticcio (1563)

Ao contrário de Arachne, mulher forte da mesma raça das Amazonas que venceram as Górgonas, conquistaram os Atlantes, cercaram Atenas e invadiram o Egipto, até serem vencidas por Teseu (advento do patriarcado), Penélope é a submissa, a que aceita o destino, e a sua teia é a do subterfúgio para permanecer enclausurada no lar, fiel ao homem e a ele submetida. Tão submetida ao homem que obedece ao próprio filho, Telémaco, «para agradar aos deuses». A arte de Penélope não foi, assim, coarctada por nenhuma deusa em cólera, mas tão-pouco se insere numa autêntica tradição iniciática: é apenas a arte e o mester de quem aprendeu dos homens e não dos Mistérios, é a arte das tecedeiras e bordadoras populares, domésticas, que se limitam a transmitir antigos simbolismos e segredos de ofício de mães para filhas mas que ignoram os verdadeiros traçados de Geometria Sagrada, capazes de proteger o templo-corpo do ser humano das fatais arremetidas das «trevas exteriores».

11. Um fio tradicional alternativo?

Dissemos mais atrás que a ROT foi interrompida num dado momento histórico, o seu fio tradicional regular perdeu-se e as mulheres perderam em consequência a sua específica e feminina *Iniciação de ofício protectivo*.

Ora bem, talvez na verdade não tenha sido totalmente quebrado, esse fio tradicional, tendo-se misteriosa e ocultamente transmitido através das curandeiras, ou médicas, *mulheres que lidam eficazmente com os tecidos orgânicos*, outra forma de tecedeiras, e dessa Ordem oculta há vestígios ao longo dos tempos, dos quais um dos mais ilustrativos — e impressionantes... — é o da perseguição que foi movida às curandeiras pelos homens ciosos da «sua» (deles) arte médica, e correlatas prerrogativas patriarcais, perseguição que muito contribuiu para a famosa caça às bruxas nos séculos XIV a XVII.

Ainda não há muito tempo, historicamente falando, a profissão de médico só podia ser desempenhada por homens, e por homens de barba! De facto, no século XIX e no início do século XX um jovem médico tinha de esperar que lhe crescesse uma barba de severo porte antes que pudesse ser considerado respeitável e lhe fosse concedido acesso às alcovas de senhoras doentes sem escândalo dos respectivos pais, irmãos ou maridos. Bom, este truque das barbas não era de todo inocente e não tinha apenas a ver com o pudor das damas que aos médicos recorriam, era um truque manhoso do «género

masculino» para impedir que as mulheres ingressassem na profissão médica, pois dificilmente poderiam ter barba a menos que fossem alguma rara curiosidade de circo.

A verdade é que as mulheres, portadoras de vida no seu seio matrio, sempre manifestaram desde remotas idades uma tendência natural para ser médicas, ou no mínimo curandeiras, pela sua arte de lidar eficazmente com *tecidos vivos*:

«As mulheres sempre praticaram a arte de curar. Elas foram as médicas e anatomistas não licenciadas da história ocidental. Faziam os abortos, eram enfermeiras e aconseladoras. Eram farmacêuticas, cultivando ervas medicinais e trocando entre si os segredos do seu uso. Eram parteiras, viajando de casa em casa e de aldeia em aldeia. Durante séculos as mulheres foram médicas sem grau acadêmico, excluídas dos livros e das instituições de ensino, e passavam as suas experiências de vizinha para vizinha e de mãe para filha. Eram chamadas “mulheres de virtude” pelo povo, bruxas ou charlatãs pelas autoridades. A medicina faz parte da herança histórica das mulheres» (Ehrenreich & English 1973, 2).



Longe nos levaria o fascinante (e aterrador...) percurso que fez com que os homens se assenheassem dum excelso labor tradicionalmente desempenhado por «mulheres de virtude», travando uma luta sem quartel contra elas, com fogueiras e tudo, até ao imperialismo das barbas do século XIX. Limitemo-nos a alinhar alguns marcos históricos de referência.





A deusa Gula,
que por vezes assumia outras designações: Nintinugga, Ninisinna, Baba...

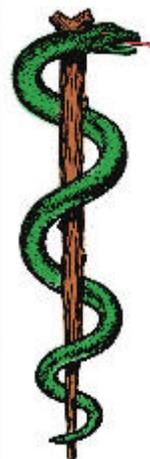
Na fase histórica mais antiga da Mesopotâmia, mais concretamente na primitiva Suméria, os médicos que praticavam métodos de «cura natural» invocavam a deusa Gula que por vezes assumia outras designações: Nintinugga, Ninisinna, Baba... Aliás, as actividades básicas mais importantes para a subsistência da vida civilizada estavam a cargo de deusas: o uso e tecelagem de vestuário, a alimentação com trigo e o fabrico e fermentação da cerveja, e o seu consumo. Assim, a lã representada pela deusa Lahar, é tecida e transformada em veste pela deusa Uttu; a deusa Nisba tinha a seu cargo o crescimento e a ceifa das searas; a fermentação da cerveja era a divina obra da deusa Ninkasi. Quanto à arte médica, a deusa que dela se encarregava era como dissemos Gula, a mais invocada porque conhecia as plantas, sendo por isso a grande médica do povo, e tanto ela como as suas congéneres eram por vezes referidas nos textos cuneiformes como «ressuscitadoras de mortos» (Frymer-Kensky 1992, 32-39).

Atente-se na seguinte particularidade, quase se poderia dizer *alquímica*, da importância da *transmutação* associada à primordial função hierofântica da divina Iniciação feminina: «Cozinhar os grãos de trigo, fermentar cerveja e tecer roupas e vestimentas, são actividades que partilham um atributo essencial: são *transformações*. Linho e lã transformam-se em vestuário; grãos de cereais, indigestos, transformam-se em pão e cerveja. Assim, substâncias naturais que não são imediatamente benéficas para a humanidade transformam-se em produtos culturais preciosos para o bem-estar humano. Esta criação de alimento e vestuário “civilizados” a partir de elementos naturais é a *transformação* básica da “natureza” em “cultura”, e, como tal, sempre foi uma ocupação arquetípica feminina» (Frymer-Kensky 1992, 35).

Com o decorrer do tempo as competências tradicionalmente atribuídas a deusas foram sendo transferidas para deuses machos, e usurpadas por estes: na transição do segundo para o primeiro milénio a.C., na Mesopotâmia, a tradição mágica de cura concentrou-se finalmente no deus Marduk, depois de ter passado entretanto para o filho de Gula, Damu, que de início era uma filha. O mesmo sucedeu com outras funções que ficaram sob a tutela dos deuses machos An, Enlil, Enki, Ea...



ASCLÉPIO, DEUS DA MEDICINA
COM O BASTÃO E A SERPENTE



A historiadora Tikva Frymer-Kensky (1943-2006), professora de Bíblia hebraica e história do judaísmo na Universidade de Chicago, e especialista em assiriologia e sumerologia, pormenoriza com uma fascinante soma de dados o desenrolar histórico que paraleliza a sociedade civil mesopotâmica e o universo dos deuses: o «eclipse das deusas», como lhe chama Frymer-Kensky (Frymer-Kensky 1992, 70-80), reflecte uma transição semelhante nas sociedades antigas, na relação de primazias entre funções tradicionalmente femininas que a pouco e pouco se tornaram tradicionalmente masculinas, na onda de mudanças sociológicas que abriam caminho para o que tem vindo a ser chamado «patriarcalismo». Ainda que não sejam bem conhecidas todas as razões para este progressivo declínio das funções sociais das mulheres — e seu reflexo nos céus, ou nas «deusas» —, tal declínio da visibilidade feminina não é plausível que possa ser atribuído apenas a causas étnicas, como já se tem tentado, mas talvez tivesse sido, eventualmente, função da mudança do regime das cidades-Estado para o regime das muito mais vastas nações-Estado, com todas as mutações e reconversões desencadeadas sobre os respectivos sistemas sociais e económicos. Uma tal transição é sobretudo sensível a partir do período babilónico antigo (aprox. 1600 a.C.), em contraste com a preponderância feminina, que já vinha desde há mais de 3000 anos a.C.

12. Das tradições mesopotâmica e judaica à modernidade ocidental

Tendo Israel em parte sofrido não só a influência egípcia (mito de Moisés iniciado no Egipto conforme nos testemunha o livro dos Actos dos Apóstolos 7, 22: «Moisés foi instruído em toda a sabedoria [gr. *sophia*] dos egípcios, e era poderoso nas suas palavras e nas suas obras»), como também a dos povos mesopotâmicos (sumérios, acádios, assírios...) não surpreende que tenha herdado muito da sua cultura e dos seus tiques sócio-religiosos, tal como não surpreende, igualmente, que o deus tribal Jahvé dos hebreus, na transição do henoteísmo para o monoteísmo, tenha conglobado em si as tais competências sucessivas de deusas e deuses, como já vinha sucedendo na área do Médio Oriente onde se insere a história hebraica. Daí resultou o domínio e o poder que a Bíblia hebraica atribui a Jahvé sobre o corpo humano, domínio que se exerce através do poder de *cura* e de *procriação*, além de todos os outros poderes que primitivamente pertenciam a um panteão de deusas e deuses (Frymer-Kensky 1992, 95).



MOISÉS, DE MICHELANGELO

Ao observar atentamente a estátua, pode-se verificar que Moisés possui um par de chifres acima os seus olhos, nascendo por baixo dos seus cabelos. Uma explicação para o sucedido poderá ser a tradução errada de karan em vez de keren que significa raios (de luz) em vez de cornos, feita por São Jerónimo para o latim.

No Ocidente, e por obra da tradição religiosa-cultural judaico-cristã, este patriarcalismo despótico do todo-poderoso Jahvé teve os seus reflexos sobre o comportamento da Igreja e das instituições de poder em relação ao conflito que começou a opor, às «mulheres de virtude» conhecedoras dos mistérios dos tecidos orgânicos, os homens que se assenhorearam do poder eclesiástico e do poder universitário: «Enquanto as bruxas exerciam as suas práticas curativas entre o povo, as classes dominantes cultivavam a sua própria estirpe de curandeiros seculares: os médicos formados pelas universidades. No século que precedeu o início da “caça às bruxas” — o século XIII — a medicina europeia estabeleceu-se firmemente como ciência secular e como *profissão*. A profissão médica, então, empenhou-se activamente na eliminação das mulheres curandeiras — por exemplo, impedindo-lhes o acesso às universidades — muito antes que tivesse início a caça às bruxas» (Ehrenreich & English 1973, 14).





Malleus Maleficarum em uma edição de 1669, Lyon.

A partir do século XV, mais concretamente a partir de 1486 quando foi pela primeira vez publicado o terrível *Malleus maleficarum* [«Martelo das bruxas»], da autoria dos frades dominicanos Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, onde se preconizam com esmeros de sadismo as torturas a que se devem submeter as bruxas para obrigá-las a confessar, com extensas listagens de todos os artifícios que o diabo utiliza e as técnicas para detectá-los, e onde se diz: «Ninguém causa mais dano à Igreja católica do que as parteiras» —, a partir do século XV, dizíamos, intensificou-se por toda a Europa a vaga persecutória dos chamados bruxos e bruxas, que se iniciara no século anterior. Sob os auspícios desse medonho livro, sancionado pela bula *Summis desiderantes affectibus* do papa Inocêncio VIII, durante três séculos foram entregues à tortura e queimados cerca de 200.000 seres humanos, dos quais 85 por cento eram mulheres.

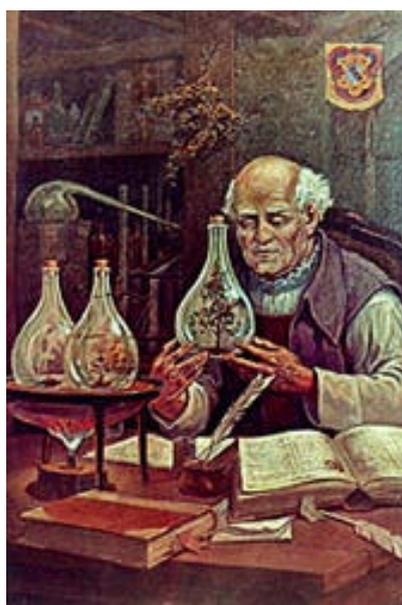




PERSEGUIÇÃO ÀS BRUXAS

Bruxa, em sânscrito, quer dizer “mulher sábia” ou sabedoria feminina, ou seja, deusa, mulher mágica, mulher = bruxa.

As universidades médicas, controladas pela Igreja e pelas classes dominantes, utilizavam métodos que muito deviam à astrologia e à magia, embora recobrissem tais práticas pouco empíricas com a capa da santidade católica, pensando-se que as encantações e os rituais semi-religiosos seriam altamente eficazes; o médico de Eduardo II de Inglaterra, por exemplo, que tinha um bacharelato em teologia e um doutoramento em Medicina, por Oxford, receitava, para as dores de dentes, que se escrevesse a seguinte frase na mandíbula do paciente: «Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, Ámen», ou então que se espetasse uma agulha numa lagarta passando-a depois pelo dente. «Era este o estado da ciência médica ao tempo em que as bruxas-curandeiras eram perseguidas como praticantes de magia. Havia bruxas com extensos conhecimentos dos ossos e dos músculos, de ervas e de drogas, ao passo que os médicos conformavam os seus prognósticos à astrologia e os alquimistas se esforçavam por transformar o chumbo em ouro. Tão grande era o conhecimento das bruxas que Paracelso, considerado o “pai da medicina moderna”, queimou o seu tratado farmacêutico, confessando que “tudo quanto sabia, tinha-o aprendido das feiticeiras”» (Ehrenreich & English 1973, 16).



PARACELSO

*desenvolvendo o Experimento de Palengensis
J.A.Knapp*

Por conseguinte, a Igreja e as universidades médicas não podiam tolerar que as curandeiras obtivessem resultados positivos com as suas práticas e os seus conhecimentos, sobretudo porque o povo confiava mais nelas do que nas virtudes da fé, como nota Jules Michelet (1798-1874): «Aos domingos, depois da missa, os doentes vinham em magotes clamando por auxílio, e tudo quanto obtinham eram palavras: “Vós pecastes, e Deus aflige-vos. Rendei-lhe graças: sofrereis muito menos tormentos na vida futura. Suportar, sofrer, morrer. Não dispõe a Igreja de orações pelos mortos?”» (*La sorcière*, 1862).

«Quem eram, pois, as bruxas e quais os “crimes” que cometiam e que suscitavam uma repressão tão viciosa por parte das classes superiores? Decerto que durante os séculos de caça às bruxas, a acusação de “feitiçaria” englobava uma multidão de pecados que iam da subversão política e da heresia religiosa até à obscenidade e à blasfémia. Mas três acusações centrais emergem repetidamente na história da feitiçaria europeia. Primeiro, as bruxas eram acusadas de todos os crimes sexuais possíveis contra os homens — ou seja, e muito simplesmente, eram “acusadas” de sexualidade feminina. Segundo, eram acusadas de estarem organizadas. Terceiro, eram acusadas de terem poderes mágicos que afectavam a saúde — quer para prejudicar, quer para curar. Com muita frequência eram acusadas especificamente de possuir perícia e capacidades médicas e obstetrícias» (Ehrenreich & English 1973, 9).

Ou seja, no fundo as bruxas eram incriminadas pela mais fantástica de todas as acusações: eram não só culpadas de matar e envenenar, de crimes sexuais e de conspiração — mas sobretudo *de ajudar as pessoas e de as curar*.



"Macbeth and Banquo meeting the witches on the heath" de Théodore Chassériau

13. E se a ROT afinal não desapareceu?

Nos anos 60 e 70 do século XX, o número de *médicos homens* nos E.U.A. ainda atingia a impressionante cifra de 93 por cento da totalidade da classe médica. Nos últimos anos esta tendência tem vindo a alterar-se com a crescente participação das mulheres em todos os sectores da actividade humana, mas sobretudo no exercício da missão médica de que estavam arredadas há séculos, como vimos. Na Europa, e mais acentuadamente na segunda metade do século XX, é cada vez maior o ingresso das

mulheres nas escolas superiores de medicina, a ponto de tal preponderância assustar os responsáveis masculinos por tais instituições, como ocorreu por exemplo em 2004, em Portugal, em que o presidente do Conselho Directivo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e o Bastonário da Ordem dos Médicos manifestaram em público a sua preocupação pela «elevada participação de mulheres nos cursos de medicina». Transcreva-se uma esclarecedora notícia que de tal dá conta, resumidamente:

«Entre tudo, a polémica das quotas de homens nos cursos de Medicina dominou as atenções de estudantes, associações feministas, ordens de Médicos e sindicatos. Tudo começou quando António Sousa Pereira, médico e presidente do Conselho Directivo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto, defendeu, em declarações ao *Público* (02/06/2004), a criação de quotas para os homens nas faculdades de Medicina, como forma de promover um maior equilíbrio de sexos na profissão. ?A Comissão para os Direitos das Mulheres mostrou-se indignada com a ideia. Manuela Ferreira Leite, ministra das Finanças, também. A ministra da Ciência e Ensino Superior, Graça Carvalho, considerou-a “completamente impensável”, justificando que o critério de escolha dos alunos é o desempenho. Recorde-se que no ano lectivo de 2003/04, **mais 1500 mulheres do que homens frequentaram os cursos de medicina, o que faz prever um aumento do número de médicas**» (Andreia Lobo, in *A Página da Educação*, ano 13, n.º 136, Julho 2004, p. 24).

Com efeito, este aumento de mulheres na profissão médica é cada vez mais sensível, o que significa no fundo que elas estão finalmente e recuperar a ancestral missão que sempre e tradicionalmente lhes competiu: *a capacidade iniciática de lidar eficazmente com tecidos orgânicos*. Em Portugal, e de acordo com dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística actualizados em 2007, as mulheres representavam 56,82 por cento dos médicos de medicina geral e familiar inscritos na respectiva Ordem, e os homens 43,18 por cento. Compare-se com as percentagens citadas mais atrás referentes aos E.U.A., e nos anos 60 e 70...

Será esta uma forma de *tecer* mais eficaz e duradoura do que a simples Iniciação feminina protectiva da antiga ROT? Serão estes, agora, os novos e mais verdadeiros traçados de Geometria Sagrada capazes de proteger o templo-corpo do ser humano das fatais arremetidas das «trevas exteriores»?

A indissolúvel associação da «Eva» com a antiga palavra hebraica *hawah*, «dadora de vida», não é apenas uma associação poética — é um facto iniciático a que elas não podem fugir, ainda que o ignorem. Medite-se no seguinte dado: de acordo com estatísticas de âmbito mundial, a taxa de suicídios femininos é *inferior a um terço* dos suicídios masculinos. Se o homem ao nível do *sôma* e da *psychê* está mais cingido a *thanatos* do que a mulher, como sugere — não me atrevo a dizer comprova... — esta última estatística, temos de pressupor que o caminho iniciático das mulheres parece continuar a ser, pelo menos ao nível do *sôma* e da *psychê*, diferente do dos homens, uma vez que a via sagrada da ROT é sensível a vibrações ritualísticas diferentes das da via sagrada da ROC. Daí que a Iniciação Maçónica, procedente da ROC, e conforme já salientámos em um capítulo anterior, não convenha às mulheres cujo relacionamento *protectivo* em relação à vida é dotado de frequências vibratórias mais subtis do que o relacionamento *protectivo* da competência masculina.

Mas tal não as deve perturbar nem propiciar um certo tipo de reacções «feministas» que no fundo mais derivam do foro mundano do que do foro *regular-tradicionista*, como por exemplo pretenderem iniciar-se em sociedades cuja

qualificação ritual-vibratória está adequada à polaridade somático-psíquica masculina.

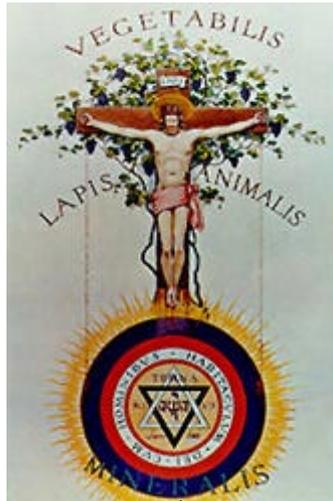
(Já agora esclareça-se, entre parênteses, que a disposição canónica que impede as mulheres de acederem à *ordenação sacerdotal*, na Igreja, é de outra ordem, e configura um impedimento *arbitrário e erróneo*, ao contrário da não conveniência de se submeterem à Iniciação maçónica: tratando-se de um sacramento cristão, cujos Mistérios repercutem na *mente superior* e no *espírito*, e não apenas no *corpo físico* e no *corpo anímico*, as mulheres são tão aptas a recebê-lo como os homens, não havendo portanto nenhuma razão esotérica que justifique a interdição, por parte da Igreja, de as mulheres exercerem o ministério sacerdotal. A menos que se aceite a tese dos gnósticos do século II d.C., que os eclesiásticos não tinham atingido o nível *pneumático*, espiritual ou crístico, e ainda se encontravam no nível *psíquico*; assim sendo, a *iniciação sacerdotal* eclesiástica teria de ser sectorizada, ou só para homens, ou só para mulheres. Mas isto ficará para outro artigo).

14. Tradicionismo de ofício — um rito viável?

Dissemos mais atrás que uma possível excepção à condicionante referida quanto à Iniciação feminina na Maçonaria poderia talvez encontrar-se na Carbonária Florestal, sociedade para-maçónica como lhe chamou Oliveira Marques. Os meus parcos conhecimentos da Carbonária não me permitem alongar-me, o que vou alvitrar limitar-se-á a breves interrogações e conjecturas, inspiradas nos textos de Maria Estela Guedes sobre esta temática no *site* do TriploV, nomeadamente o seu excelente artigo «Maçonaria Florestal Carbonária» para o *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Sem entrar pelos incertos e ingratos meandros das «origens» — históricas... míticas... — dessa sociedade secreta cuja matéria prima é a madeira (carbono), tenha ela uma milenar origem druida como pretendem alguns, ou tenha surgido no século XI com o conde Teobaldo de Brie que se tornou eremita e foi viver para uma floresta onde aprendeu os segredos de ofício dos carvoeiros («carbonários», de carbono), ou tenha surgido apenas no século XVIII ou mesmo XIX, o certo é que a sua identificação com um material como a *madeira* a torna de algum modo «parente» da Maçonaria, que trabalha a *pedra*, pois ambos os materiais, pedra e madeira, são igualmente utilizados na construção da tal «muralha externa» (templo, palácio, casa...) que protege o ser humano da agressiva investida das «trevas exteriores».

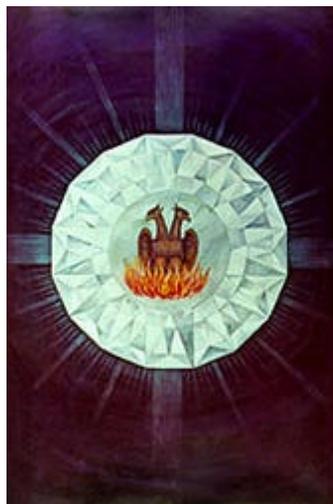
Soltando asas à imaginação especulativa, que deduções poderemos aventurar?





CRUCIFIXO ALQUÍMICO ROSACRUZ
 REPRODUÇÃO DE UMA AQUARELA DO SÉC. XVIII, AUTOR DESCONHECIDO

Começemos por referir que a palavra «madeira» vem do latim *materia*, que por sua vez deriva de *mater*, «mãe»: os antigos entendiam que a árvore era a mãe do precioso material (lat. *materies*) de construção, e que o seu tronco é verdadeira mãe dos seus múltiplos rebentos — folhas, flores, frutos. Eis uma componente misteriosamente feminina, e não menos misteriosamente alquímica (*materia prima*), à qual a Carbonária não pode deixar de estar associada! Será curioso notar que o Evangelho de Marcos, o mais antigo dos quatro canónicos, ao referir-se ao ofício de Jesus chama-lhe *tektôn*: «Não é este o *tektôn*, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?» (Marcos 6, 3). Geralmente, *tektôn* costuma traduzir-se por «carpinteiro», mas a verdade é que esta palavra tinha então um significado mais abrangente, de operário qualificado da construção civil, podia ser carpinteiro, pedreiro, ou até arquitecto. Ou seja, Jesus poderia trabalhar tanto a *pedra* como a *madeira*, poderia ser tanto um maçon como um carbonário... E aqui chegamos ao ponto aonde eu pretendia chegar. Tratando-se a madeira de um *material orgânico*, ao contrário da pedra, pode ser lidado iniciaticamente por mulheres, de corpo físico negativo e corpo anímico positivo, na linha das curandeiras-médicas e das tecedeiras.



A FENIX E A PEDRA FILOSOFAL
 J.A.Knapp

Por isso me atrevi a presumir, lá mais para trás, que mesmo numa situação tradicionalista incerta e de conjectural irregularidade, a iniciação de mulheres na Carbonária talvez não seja tão antinatural como a sua «iniciação» na Maçonaria da Pedra... Será assim? Deixo para outros mais sabedores do que eu a busca e o privilégio de encontrarem a *verdadeira* resposta.

15. Conclusão provisória



GRUPO DE RELIGIÕES MUNDIAIS
J.A. Knapp

Uma vez fechado este brevíssimo parêntese carbonário, rematemos com uma última observação. Penso que não será por acaso que as mulheres sejam mais sensíveis às diferentes formas de espiritualidade do que os homens, o que revela e confirma precisamente a vocacional admissão iniciática das mulheres na superior Ordem do Caminho, da Verdade e da Vida, ou seja, tanto no seu nível básico protectivo da ROT, como no mais alto nível da Iniciação nos Mistérios Cristãos, inaugurados por Cristo Jesus quando ressuscitou Lázaro (1.^a Iniciação Maior) e quando proferiu a frase fundadora «Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida» (João 14, 6) no iniciático Sermão da Ceia.

É por isso que as novas Iniciações nos Mistérios Cristãos, posteriores ao marcante evento do rasgar do véu do Templo, não são sectorizadas, sendo tão adequadamente femininas como masculinas, e abrangem a totalidade dos campos que qualificam um discurso esotérico ou um acto esotérico em quanto tais, ou seja: são simultaneamente astrológicas, mágicas, alquímico-herméticas e cabalísticas.

Antonio de Macedo

Bibliografia sumária

- AMBELAIN, Robert. *A Franco-Maçonaria: Origem - História - Influência* [*La Franc-Maçonnerie oubliée*, 1985]. Trad. port. Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Edições Ibrasa, 1990.
- DUJOLS, Pierre. *La Chevalerie Amoureuse : Troubadours, Félibres et Rose-Croix*. Manuscrito confiado a J.-F. Gibert e por este publicado em Paris 1991.
- EHRENREICH, Barbara, & ENGLISH, Deirdre. *Witches, Midwives, and Nurses: A History of Women Healers*. New York: The Feminist Press, 1973.
- FAIVRE, Antoine. *Accès de l'ésotérisme occidental*. Paris: Éditions Gallimard, 2 vols. nova ed. revista, 1996.
- FREKE, Timothy, & GANDY, Peter. *Jesus and the Lost Goddess: The Secret Teachings of the Original Christians*. New York: Three Rivers Press, 2001.
- FRYMER-KENSKY, Tikva. *In the Wake of the Goddesses: Women, Culture and the Biblical Transformation of Pagan Myth*. New York: Fawcett Columbine, 1992.
- GUÉNON, René. *Études sur la Franc-Maçonnerie et le Compagnonnage*. 2 vols. Paris: Éditions Traditionnelles, reed. I-1991, II-1992.
- . *Initiation et réalisation spirituelle* (1952¹). Paris: Éditions Traditionnelles, reed. 1990.
- . *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos* [*Le règne de la quantité et les signes des temps*, 1945]. Trad. port. Vítor de Oliveira. Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1989.
- . *Aperçus sur l'initiation* (1946¹). Paris: Éditions Traditionnelles, reed. 1986.
- . *Symboles de la Science Sacrée*. Paris: Éditions Gallimard, 1962.
- HALL, Manly P. *The Secret Teachings of All Ages* (1928¹). Los Angeles: The Philosophical Research Society, reed. 1978.
- HEINDEL, Max. *Freemasonry and Catholicism* (1919¹). Oceanside: The Rosicrucian Fellowship, ed. rev. 1995¹⁰.
- . *The Rosicrucian Philosophy in Questions and Answers* (1922¹). Vol. 1. Oceanside (CA): The Rosicrucian Fellowship, reed. 1978.
- . *The Rosicrucian Philosophy in Questions and Answers* (1947¹). Vol. 2. Oceanside (CA): The Rosicrucian Fellowship, 1973².
- HELINE, Corinne. *The Mystery of the Christos* (1961¹). Santa Monica (CA): New Age Bible & Philosophy Center, 1988⁶.
- HERÓDOTO. *Herodotus—The History* (1987¹). Trad. ing. David Grene. Chicago/London: The University of Chicago Press, reed. 1988.
- HERRERO, Santiago Montero. *Diosas y adivinas: Mujer y adivinación en la Roma antigua*. Madrid: Editorial Trotta, 1994.
- HOELLER, Stephan A. *Gnosticism: New Light on the Ancient Tradition of Inner Knowing*. Wheaton (Illinois): Quest Books, 2002.

- HOMERO. *Odisseia*. Trad. do grego por Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.
- JÂMBLICO. *On the Mysteries of the Egyptians, Chaldaeans and Assyrians [De Mysteriis Ægyptiorum]*. Trad. ing. Thomas Taylor (London, 1821¹). San Diego: Wizards Bookshelf, 1997.
- . *Life of Pythagoras [Vita pythagorica]*. Trad. ing. Thomas Taylor (London, 1818¹). Rochester: Inner Traditions International, 1986.
- MACEDO, António de. *Esoterismo da Bíblia*. Lisboa: Ésquilo Edições e Multimédia, 2006.
- . *Instruções Iniciáticas* (1999¹). Lisboa: Hugin Editores, 2000².
- MAGNIEN, Victor. *Les Mystères d'Éleusis : Leurs origines, le rituel de leurs initiations*. 2ème éd. refondue et augmentée. Paris: Payot, 1938.
- OVÍDIO. *Metamorphoses* (Berlin 1903¹). Texto latino. München: Ed. E. Rösch, reed. 1961.
- . *Metamorfosis* (1963¹). Trad. esp. Ely Leonetti Jungl. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1997¹⁹.
- PAUL, André. *Et l'homme créa la Bible : d'Hérodote à Flavius Josèphe*. Paris: Bayard Éditions, 2000.
- RIFFARD, Pierre A. *L'ésotérisme : Qu'est-ce que l'ésotérisme ? Anthologie de l'ésotérisme occidental* (1990¹; édition revue 1993). Paris: Robert Laffont, reed. 1996.
- TOURNIAC, Jean. *Symbolisme maçonnique et tradition chrétienne : Un itinéraire spirituel* (1965¹). Paris: Editions Dervy, reed. 1993.
- . *Melkitsedeq ou la Tradition primordiale*. Paris: Editions Albin Michel, 1983.
- VASCONCELOS, J. Leite de. *Religiões da Lusitânia*. 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, I-1897, II-1905, III-1913.
- WIRTH, Oswald. *Le symbolisme hermétique dans ses rapports avec l'Alchimie et la Franc-Maçonnerie*. Paris: Éditions Dervy-Livres, reed. 1975.

-----ooOoo-----



Esta comunicação foi apresentada no



**VII Colóquio Internacional
"Discursos e Práticas Alquímicas"**

LAMEGO - SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL
22-24 de Junho de 2007

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Merenda na Santa Helena

Passeio a Salzedas e ao Convento de S. João de Tarouca

Programa - Comunicações

Concelho de Lamego

Imprensa

Transportes

Passeio pelo Douro com merenda na Santa Eufémia

Comunicações

Alquimias do feminino

A alquimia é feminina, a alquimia só é possível através do feminino: é a fêmea que procria – eis uma primeira pista.

É aceitável ainda a tradição judaico-cristã, segundo a qual as mulheres são impuras, pelo facto de perderem o sangue durante as regras e o parto? A natureza imperfeita da mulher provém da sua frieza, manifestada pela perda de sangue, portador do calor da vida. As mulheres são frias, logo “naturalmente” inferiores, segundo Aristóteles e Galeno – eis mais um punhado de preconceitos contra o feminino.

O impulso utópico que varreu os anos 60 traz a cor feminina das grandes mutações, e com ela a revolução sexual. Depois, tornam-se visíveis as utopias unissexuadas: a utopia determinista da clonagem reprodutiva em que os homens já não são necessários; a utopia masculina que fantasma passar sem as mulheres na reprodução.

O ciberfeminismo é hoje um terreno em que de forma inédita a questão do “género” se coloca de uma forma radical. As teologias feministas estão a redefinir muitos dos conceitos que a teologia “masculina” impôs como únicos. O interesse político pelas questões relativas à mulher gozam de um interesse nunca antes visto, quer nos Relatórios sobre Desenvolvimento Mundial, quer nas metas das Nações Unidas. Porquê? Estaremos a deixar de ser humanos?

Em muitos mundos se compreende a realidade pela oposição entre masculino e feminino: na Alquimia, claro, mas também na electricidade, na Botânica, na Zoologia, e nas colectividades humanas. Em algumas, já os sexos são mais de dois, dois os principais géneros, ou biliões deles, se por tal entendermos que todos temos direito a “fazer género”.

Portugal sempre viveu no feminino. Existe um matriarcado nacional «por mais que isto custe às feministas», diz Maria Belo. A família tem na vida portuguesa e, em particular, a mãe, um peso imenso. Como estamos, em matéria de direitos da mulher, por esse mundo fora, da China à Europa, e da África ao Irão? E desde a Igreja Católica até à Maçonaria Regular? De que espaços a mulher é tradicionalmente excluída?

E que tem a mulher feito pela sociedade, pela religião, pela arte e pela cultura, além do que se lhe atribui como específico? Bataille alça a mulher dissoluta à altura de Deus. Para Lacan, a Mulher é um dos nomes de Deus. Para Freud, a religião é como uma mulher de 30 anos. Qual é então o espectro da presença da mulher, que forças lhe dão a aura que os tempos lhe atribuem? Que medos, que fantasmas evoca? Que Messias anuncia? - eis mais um milhar de tópicos a desenvolver no colóquio.

Contactos:

ISTA:

José Augusto Mourão (Presidente) jam@triplov.com

CICTSUL:

Elisa Maia (Direcção) - elisamaia@netcabo.pt

Isabel Serra (Direcção) - isabelserra@netcabo.pt

TRIPLOV:

Maria Estela Guedes (Direcção) - estela@triplov.com

Programa - Comunicações

INICIATIVA:

Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL)

Instituto São Tomás de Aquino (ISTA)

TriploV . www.triplov.org



Patrocinadores:

Câmara Municipal de Lamego
IDP - Complexo Desportivo de Lamego

Telef. 351+254.655.069

Monte de Stº Estêvão

Apartado 29 - lamego@idesporto.pt

Junta de Freguesia de Britiande

Paróquia de Britiande

Dominicanos de Lisboa

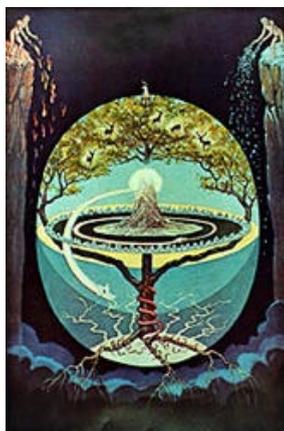


Fernanda Frazão - Apenas Livros Lda

apenaslivros@oninetspeed.pt

VII Colóquio Internacional "Discursos e Práticas Alquímicas". LAMEGO, PORTUGAL - SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL 22-24 de Junho de 2007. MEMÓRIA FOTOGRÁFICA ...

www.triplov.org/Coloquio_07/index.htm



Páginas Esotéricas

Artigos e Ensaios de António de Macedo

<http://www.paginasesotericas.tripod.com>

